

Nem todos os cisnes são brancos



CLAUDIO DONATO

DEDICATÓRIA

Dedico este ensaio filosófico para Carolina Lima, minha amiga querida, meu cisne negro, porque raro; meu cisne branco, porque iluminado.

SINOPSE:

Acostumados a agir e pensar automaticamente, nós nos dispensamos diariamente da tarefa de pensar. Tal dispensa ou recusa nos equipara a autômatos programados a responder ou corresponder a estímulos ou apelos. Inconscientes de nosso lugar no mundo, seríamos ainda capazes de pensar? E mais, seria possível ainda, num mundo dominado pela técnica e pelas tecno-logias, algo assim como a liberdade ou, pelo menos, o pensamento sobre a liberdade? Paradoxalmente, diante da falta de pensamento e da falta de liberdade, somos obrigados pelos fenômenos mesmos, neste caso pelo fenômeno da ausência de pensamento e de liberdade, a pensar e a vislumbrar, pelo pensamento sobre a liberdade, alguma forma de liberdade.

CRÉDITOS:

Claudio Donato é filósofo, formado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estudioso de metafísica, ontologia e fenomenologia.

Sobre e sob o fio da tradição filosófica fenomenológica: Claudio Donato foi aluno de Luiz

Hebeche, que foi aluno de Ernildo Stein, que foi
aluno de Martin Heidegger.

PREÂMBULO

Não há um único humano sem a ideia de humanidade, e não há humanidade sem um único exemplar humano. Esta é uma noção fundamental de identidade, noção metafísica platônica caríssima à sociedade ocidental. Significa dizer que porque nos assemelhamos uns aos outros, então, nos inserimos na comunidade das coisas ditas humanas. Assemelhação, contudo, é assimilação. Toda assimilação é uma violência à diferença fundamental entre as coisas.

A *diferença* escandaliza. O acolhimento da diferença é sempre também uma violência. A *diferença*, na modernidade, é acolhida pela identidade pré-estabelecida pelo Estado, pela lei (jurisprudência), pela comunidade heterossexual (homogeneidade) etc. O que querem os diferentes? Muitos querem se parecer a. Mas se parecer ao quê ou a quem? O judeu assimilado se parece com o alemão? A assimilação do homossexual à

comunidade heterossexual torna o “conceito” de homossexualidade cada vez mais diluído na identidade desejada. É desejável que dois homens ou duas mulheres casem-se, desde que constituam uma família, adotem uma criança, aos moldes do modelo heterossexual, fundamento do Estado “laico”, católico e, agora, evangélico.

A diferença, alienada à assimilação, se esconde por detrás do que Derrida chamou simulacro: simulacro: os gays simulam o modelo heterossexual. Ao simularem este modelo, dissimulam a sua diferença, agora alienada pela assemelhação ao que é vigente e tradicional. Dissimulação.

Arte Primeira: a descoberta do cisne negro

O percurso que doravante iniciamos pode dar a aparência de um discurso político ou ideológico. A aparência, contudo, não se confirma. O que está em

jogo aqui é a filosofia como não apenas um papel, mas como uma tarefa eminentemente humana. A tarefa de pensar sobre as coisas *que são e como são*. Esta tarefa coloca em questão as coisas (entes) e sua relação com o homem que as pensa. A ética da coisa e a ética do homem devem questionar o sentido de *natureza* de ambos: como um suposto destino dado desde a origem. A própria origem será questionada em seu conceito. Discutir um conceito de origem não significa dar conta da origem mesma. A ética humana pretende preservar a ética da coisa. A ética da parreira é produzir uvas. Qual a ética do homem? Parece mais fácil, paradoxalmente, encontrarmos uma ética numa planta do que num homem. Talvez porque os homens não estão de acordo sobre o que seja o bom ou o bem, nem o “útil” e, menos ainda, sobre o prévio destinamento das coisas. E mais, o bom e o bem referem-se ao humano e – paradoxo novamente – a ética da parreira está acima ou

aquém do bem, do bom ou do mal. Para a videira não é bom nem ruim gerar uvas: é somente seu destino. Mas uma parreira que não produza uvas deixa, por isto, de ser parreira? Parece, então, que a ética da coisa são várias éticas. Porque toda coisa tem vários aspectos, cada um deles correspondendo ou exigindo uma ética específica. Quem somos nós para reconhecermos estes aspectos? Que aspectos e que espectros temos nós mesmos? Qual o “destino” do homem? Uma ética única (ou uma única ética) pode determinar o destino do homem? Está claro que não, e pelo simples fato de que não somente não existe *uma* única ética, como também não existe *o* homem. Uma parreira pode não gerar uvas. E o homem, em que aspectos de sua vida ele pode “fracassar”? Reflitamos, então, sobre a necessidade de uma ética da “miséria”, “pobreza”, da incompletude. Quem é *o* homem? A questão está mal formulada; não se trata de “quem é *o* homem”, mas de “quem é *este* homem”. Se concordarmos

que não há *o* homem, como uma essência metafísica, e que o que há são homens, distintos entre si no tempo e no espaço e, ainda assim, homens; reconheceremos então uma “essência” humana não na *identidade*, mas na *diferença*. Fica assim, então, estabelecido a diferença entre um “que” e um “quem”: o suposto homem metafísico é um “que”; o homem “real” do mundo, o homem verdadeiro, é um “quem”. Assumindo esta perspectiva antropológico-filosófica do homem como um *quem singular*, não-universal, não-metafísico, não-teológico (mortal e finito), teremos, então, que assumir um sentido ontológico outro que não o da onto-teologia da tradição filosófica e religiosa: porque seja como um *quê* ou como um *quem*, o homem *é*. Se aceitarmos esta possibilidade explicativa de um homem singular, incompleto (nunca existirá no mundo um homem que seja o homem metafísico, predefinido e delimitado pelos limites essenciais da metafísica), poderíamos